

LADRILHOS DA CIDADE

TRILHAS PELOS LADRILHOS
HIDRÁULICOS DO RECIFE

ANA BEATRIZ SAMPAIO
RECIFE 2025

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design

LADRILHOS DA CIDADE

TRILHAS PELOS LADRILHOS
HIDRÁULICOS DO RECIFE

ANA BEATRIZ SAMPAIO
RECIFE 2025

Memorial descritivo do Projeto de Conclusão de curso,
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Design da Universidade Federal de Pernambuco sob a
orientação da Professora Dra. Solange Coutinho.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cavalcanti, Ana Beatriz Sampaio.

Ladrilhos da Cidade: trilhas pelos ladrilhos hidráulicos do Recife / Ana Beatriz Sampaio Cavalcanti. - Recife, 2025.

74 : il.

Orientador(a): Solange Galvão Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. Ladrilhos hidráulicos. 2. Patrimônio cultural. 3. Trilhas urbanas. 4. Recife. 5. Design editorial. 6. Memória gráfica. I. Coutinho, Solange Galvão. (Orientação). II. Título.

760 CDD (22.ed.)

À cidade do Recife



Agradecimentos

A conclusão deste trabalho não representa apenas o encerramento da minha graduação em Design, mas também o resultado de anos de esforço, aprendizado e dedicação. Durante essa jornada, tive a sorte de encontrar pessoas incríveis que, cada uma à sua maneira, tornaram esse caminho mais leve e enriquecedor. Se cheguei até aqui, foi graças a vocês, e levarei cada um comigo.

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Ana Rosemira, que sempre esteve ao meu lado, garantindo que eu tivesse todas as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios da graduação. Seu exemplo de dedicação aos estudos me inspirou desde pequena a buscar sempre mais. À minha família, minha base e meu alicerce: aos meus irmãos, Gabriel e Daniel, e ao meu pai, Marcelo, que sempre me incentivou a seguir em frente. À minha irmã, Raquel, que foi minha confidente nos momentos de dúvida e incerteza, oferecendo acolhimento e encorajamento sempre que precisei.

Ao meu namorado, Henrique, que esteve presente em cada etapa dessa trajetória, apoiando-me incondicionalmente e contribuindo diretamente para a minha pesquisa de campo. Aos meus amigos de longa data, Guilherme, fã número um do meu trabalho, que sempre me incentivou nessa caminhada e Breno, que tornou meus dias mais leves e coloridos com conversas profundas, me lembrando sempre da importância de ter ao lado pessoas que fazem a diferença.

À minha orientadora, Solange Coutinho, que me guiou em todas as etapas desse trabalho com paciência e dedicação. Também agradeço a toda a Banca Avaliadora, por contribuir para o meu crescimento acadêmico.

Por fim, à UFPE, que foi meu segundo lar nesses últimos anos. Ao Departamento de Design, pelas inúmeras possibilidades que me foram apresentadas, pela autonomia para direcionar minha formação e pelos projetos que tive orgulho de integrar.

A cada um que fez parte dessa caminhada, meu mais sincero e profundo agradecimento.



Resumo

Ladrilhos da Cidade é um projeto de conclusão do curso de Design da UFPE que tem como objetivo desenvolver uma série de trilhas que guiam o leitor pelos ladrilhos hidráulicos da cidade do Recife, conectando-o a esse patrimônio cultural e ao design. A principal inspiração conceitual do projeto é o guia Um Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife, desenvolvido por Gilberto Freyre. Nele, o escritor indica diversos pontos de interesse a turistas sob uma ótica sentimentalista e pessoal.

No projeto, foram desenvolvidas duas trilhas: uma que conduz o usuário pelos ladrilhos identificados nas igrejas históricas dos bairros de Santo Antônio e São José, e outra que percorre os ladrilhos encontrados em estabelecimentos culturais e turísticos do centro do Recife. A proposta foi materializada em formato físico, por meio de folders desenvolvidos para distribuição, e em formato virtual, através de um site que detalha informações sobre os pontos de visitação, exibe imagens dos locais e explica a proposta do projeto.

O desenvolvimento seguiu as diretrizes metodológicas de Weacher (2019) no campo editorial e envolveu estudos teóricos sobre a história e o processo de fabrica o dos ladrilhos hidráulicos, além de pesquisas sobre os locais selecionados. Este documento apresenta o memorial descritivo do projeto.

Palavras-chave: Ladrilhos hidráulicos, Patrim nio cultural, Trilhas urbanas, Recife, Design editorial, Acervo fotográfico, Memória gráfica.

Abstract

Ladrilhos da Cidade (City Tiles) is a graduation project from UFPE's Design program that aims to develop a series of trails guiding readers through the hydraulic tiles of Recife, connecting them to this cultural heritage and to design. The project's main conceptual inspiration is the guide Um Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife, developed by Gilberto Freyre. In it, the writer points out various points of interest to tourists through a sentimental and personal perspective.

The project features two trails: one leading users through tiles identified in historic churches in the Santo Antônio and São José neighborhoods, and another exploring tiles found in cultural and tourist establishments in downtown Recife. The proposal was materialized in physical format through distribution-ready brochures, and in digital format via a website detailing visitation points, displaying location images, and explaining the project's concept.

The development followed Weacher's (2019) methodological guidelines in the editorial field and involved theoretical studies on the history and manufacturing process of hydraulic tiles, along with research on selected locations. This document presents the project's descriptive report.

Keywords: Hydraulic tiles, Cultural heritage, Urban trails, Recife, Editorial design, Photographic collection, Graphic memory.

SUMÁRIO

15

1. Introdução

1.1. A Escolha do Projeto 15

1.2. Objetivos 18

1.2.1 Objetivo Geral 18

1.2.2 Objetivos Específicos 18

1.3 Estrutura do documento 18

21

2. Metodologia

27

3. Os Ladrilhos

3.1. Origem e Expansão 27

3.2 Patrimônio e Identidade 28

3.3. O Processo Artesanal 28

3.4. Processo de Fabricação 29

35	4. Processo de Pesquisa	
	4.1. Igrejas Históricas	35
	4.2. Cultura e Pontes	38
43	5. Construção dos Guias	
	5.1. Proposta Editorial	43
	5.2. Identidade Visual	45
55	6. Considerações Finais	
59	Referências Bibliográficas	
60	Apêndice A	60
	Apêndice B	71



Introdução

1.1 A Escolha do Projeto

Desde criança, uma das minhas maiores diversões era passear pelo centro do Recife. Das idas para comprar fantasias de Carnaval e luzes de Natal, até hoje, nada supera o prazer de caminhar por aquelas ruas. É sempre fascinante observar o movimento das pessoas, sentir o cheiro das frutas frescas, admirar o artesanato no Mercado de São José. No entanto, foi só recentemente que comecei a reparar nas inúmeras igrejas que preenchem os bairros de Santo Antônio e São José, e mais recentemente ainda, nos padrões geométricos dos ladrilhos hidráulicos.

O tema deste Projeto de Conclusão de Curso surgiu como um desdobramento natural da disciplina de Memória Gráfica ministrada pela professora Solange Coutinho. Originalmente, eu desenvolvia um projeto sobre a 'Memória Gráfica da luta pelo direito das mulheres no ambiente institucional e não institucional', inspirado pela minha experiência como estagiária na Secretaria da Mulher do Recife. Embora o projeto tenha sido apresentado na disciplina de PC1, encontrei diversos obstáculos, desde a dificuldade em conseguir entrevistas no ambiente não institucional até portas que se fechavam no caminho. Esses impedimentos progressivamente me desanimaram.

Foi no final da disciplina de Memória Gráfica que decidi mudar o rumo do meu trabalho. Percebi que poderia desenvolver como projeto final justamente o que estava pesquisando para a disciplina. Essa transição não foi apenas pragmática, mas também emocional, voltava a me

conectar com aquela criança que se encantava com os detalhes arquitetônicos do centro.

Embora eu não tenha uma fé definida, a grandiosidade dessas igrejas é algo que me impressiona. As pinturas exuberantes nos tetos, que me fazem refletir sobre a forma como enxergamos nossa história, os azulejos portugueses que, apesar de vandalizados, ainda mantêm sua beleza, os sinos monumentais de outras épocas e as lápides antigas, que despertam a imaginação sobre quantas vidas já cruzaram aqueles templos.

O centro do Recife é um lugar impregnado de histórias que sobreviveram, mesmo diante do abandono e descaso com o patrimônio. Entre praças descaracterizadas, prédios abandonados, comércios fechados, as ruas ainda guardam memórias de tempos mais agitados.

16

Durante minhas pesquisas sobre o centro da cidade, encontrei os estudos do historiador José Luiz Mota Menezes (2017), que evidenciam a ausência de políticas públicas eficazes voltadas para a revitalização dos bairros do centro do Recife.

O interessante é que a todo o momento o bairro é alegado como um bem cultural inestimável. Sobre tal feito desconhecemos a causa. Somente existem alguns locais com um casario razoável, mas estes mesmos maltratados, numa degradação quase por completa. (MOTA MENEZES, 2017)

Inspirada por suas análises, cresceu em mim o desejo de desenvolver um projeto que não apenas conectasse o design à cidade, mas também estreitasse minha própria relação com ela, transformando mais uma vez meu olhar enquanto ando por suas ruas. Surgiu, então, a ideia de usar o design como uma ferramenta para promover uma nova visão sobre esses espaços.

Numa conversa com a professora Solange Coutinho, durante uma aula da disciplina de Memória Gráfica, discutimos possíveis abordagens para o projeto. Foi então que percebemos que, enquanto tetos exuberantes, entradas ornamentadas e paredes entalhadas chamam a atenção por seus detalhes, o chão, elemento presente e indispensável, é frequentemente deixado de lado. A partir dessa observação, meu olhar se abriu para os ladrilhos hidráulicos dessas igrejas.

Assim, defini meu objeto de pesquisa para este projeto de conclusão de curso. Vi nos ladrilhos hidráulicos a oportunidade de estudar um artefato que sobrevive há anos, é carregado de história e está espalhado por todo o Recife, em igrejas, museus, teatros, entre outros. O ladrilho é um material com diversas possibilidades de padronagens, muitas cores e desenhos diferentes, que preenchem o piso, trazendo textura e beleza.

Na busca por ideias de como descobrir a cidade 'pelo chão', recordei-me do livro *Um Guia Prático Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, de Gilberto Freyre, no qual ele narra, o prazer de caminhar pelas ruas do Recife, recomendando bares, restaurantes e passeios. Decidi, então, seguir um caminho semelhante e desenvolver trilhas que percorrem os ladrilhos hidráulicos espalhados pela cidade, conectando história, design e memória.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Desenvolver uma série de folders com trilhas que guiam o leitor pelos ladrilhos hidráulicos da cidade do Recife, conectando-o com esse patrimônio cultural e com o design.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Criar um acervo fotográfico documentando a diversidade estética dos ladrilhos hidráulicos valorizando-os no campo da Memória Gráfica.
- Sensibilizar a comunidade local e visitantes sobre a importância da preservação dos ladrilhos hidráulicos enquanto patrimônio cultural.
- Disseminar informações sobre a história, processo de fabricação e valor cultural dos ladrilhos hidráulicos por meio de plataformas digitais e materiais impressos.
- Explorar graficamente os padrões e elementos dos ladrilhos hidráulicos em um projeto editorial.

1.3 Estrutura do documento

Este documento está estruturado em cinco tópicos, além desta introdução. No tópico 2, detalho a metodologia proposta pelo professor Hans da Nóbrega, que estabelece um passo a passo para a criação de projetos editoriais, com foco em catálogos. Em seguida, no tópico 3 desenvolvo a temática e contextualização, abordando a história e o modo de produção dos ladrilhos hidráulicos no contexto da cidade. Isso inclui sua origem e expansão, seu valor como patrimônio e identidade cultural, o processo

artesanal e as etapas de fabricação, além da relação desses ladrilhos com a cidade.

O tópico 4 descreve o processo de pesquisa, que envolveu estudos teóricos e visitas a campo. Durante esse trabalho, foram registradas aproximadamente 423 fotografias, visitados 16 locais e realizada uma entrevista. Com base nesses dados, no tópico 5, desenvolvo a construção do guia, definindo suas diretrizes editoriais, sua identidade visual e suas aplicações práticas. Por fim, no 6º tópico, apresento as considerações finais, destacando os resultados alcançados, os desafios enfrentados e as contribuições do projeto.



2. Metodologia

O projeto foi desenvolvido em duas fases principais, inspiradas na abordagem metodológica de Hans Waechter, N. Diretrizes para Projeto Editorial Catálogo I Experimentações Didáticas Metodológicas. In: 9º Congresso Internacional de Design da Informação, 2019. A primeira fase da metodologia é descrita pelo professor como uma etapa analítica, conceitual e de coleta de dados e é dividida em 6 tópicos que envolvem a elaboração dos originais, aplicação do briefing do projeto, análise de similares, definição de requisitos editoriais, análise dos artefatos e definição conceitual da proposta editorial.

Iniciei o processo de definição da quantidade de artefatos a serem representados com uma pesquisa online. Para a primeira trilha, focada nas igrejas dos bairros de Santo Antônio e São José, pesquisei todas as igrejas da área delimitada, bem como seus respectivos horários de funcionamento. Após essa pesquisa inicial, realizei visitas de campo em diferentes dias da semana para fotografar os ladrilhos e confirmar a quantidade de locais a serem incluídos na lista, baseando-me nas igrejas ativas da região.

Para a segunda trilha, que se concentrou em visitas históricas e culturais nos bairros do centro do Recife, realizei uma visita virtual inicial aos estabelecimentos identificados através do Google Maps. Somente após essa primeira triagem, fui a campo para registrar os objetos de pesquisa e definir a quantidade de artefatos.

Como o intuito do projeto é o desenvolvimento de guias voltados para o público, defini as informações básicas que estariam presentes nos folders

como nome dos estabelecimentos, data e horário de funcionamento, endereço e contato. Para coletar os dados, realizei pesquisas nas redes sociais dos locais e entrei em contato com outros que não tinham essa informação clara através de mensagens ou ligações.

Para auxiliar na identificação do público alvo para o projeto, utilizei uma ferramenta citada por Ellen Lupton em seu livro *Design como Storytelling* onde ela sugere um exercício de imaginar a experiência de diferentes pessoas ao utilizar o serviço proposto, segundo ela:

Criticar soluções de design da perspectiva de diversas personas ajuda os designers a pensarem para além de suas preferências e gostos pessoais e de seu próprio investimento criativo em um determinado contexto, permitindo que eles enxerguem a ideia da perspectiva de um usuário (Lupton, 2020, p. 92)

22

Ainda nesse mesmo livro, a autora descreve uma ficha de persona inspirada em *The Persona Core Poster*, 2011, Creative Companion baseando-me nesta ficha, desenvolvi 3 personas:

Persona 1: Jonas | O Estudioso

Vida Pgressa: Jonas é um arquiteto mineiro de 32 anos, apaixonado por arquitetura colonial. Casou-se recentemente com Nicolas e, juntos, decidiram passar a lua de mel no Recife. Sempre foi dedicado aos estudos e adora viajar para conhecer o patrimônio histórico das cidades.

Recursos: Especialista em arquitetura, tem conhecimento aprofundado sobre o tema, mas é iniciante na cidade do Recife. O maior obstáculo é a insegurança relatada sobre a cidade, que gera receio na hora de explorar os locais históricos.

Emoções: Jonas se sente empolgado para conhecer a cidade, mas ao mesmo tempo fica apreensivo com as notícias sobre a violência.

Objetivos: Criar um roteiro seguro e rico em experiências culturais para sua viagem de lua de mel.

Cenário: Jonas e Nicolas estão no hotel, sentados no sofá, com mapas e guias turísticos espalhados ao redor. No notebook, há uma aba aberta com notícias sobre crimes na cidade, enquanto no celular, Jonas anota possíveis locais para visitar.

Persona 2: Lúcia | A Exploradora

Vida Progressa: Lúcia tem 50 anos, é engenheira e mora no Recife. Solteira, tem dois filhos adultos e um gato. Muito bem-sucedida e determinada, gosta de estar sempre informada sobre política e cultura. Seu hobby favorito é ir ao teatro, e ela está sempre planejando passeios diferentes para fazer com seu grupo de amigas.

Recursos: Especialista na cidade, conhece bem os bairros e tem uma vasta rede de contatos. Seu maior obstáculo é encontrar novidades que realmente a surpreendam, pois sente que já conhece tudo.

Emoções: Animada e curiosa, sempre à procura de novas experiências culturais.

Objetivos: Descobrir novos lugares e atividades no Recife para enriquecer sua rotina e compartilhar com suas amigas.

Cenário: Em um café charmoso do Recife Antigo, Lúcia conversa com suas amigas. Ela tem um bloco de notas onde anota sugestões de passeios, enquanto uma amiga mostra um artigo sobre um evento cultural. No celular, pesquisa trilhas urbanas pouco conhecidas na cidade.

Persona 3: Daniel | O Buscador de Inspiração

Vida Progressa: Daniel tem 21 anos, é estudante de Design na UFPE e vem de uma família de baixa renda. Cresceu no Recife e sempre teve um olhar atento para a estética da cidade. Sonha em trabalhar com identidade visual e busca referências no cotidiano urbano. Além dos estudos, trabalha meio período para se sustentar e ajudar a família.

Recursos: Criativo e observador, tem um olhar apurado para o design, mas enfrenta desafios financeiros que limitam suas oportunidades de acesso a cursos, exposições e eventos pagos.

Emoções: Fascinado pela cidade, mas frustrado com a mobilidade urbana complicada e insegurança que dificultam qualquer passeio.

Objetivos: Encontrar inspiração na cidade para seus projetos acadêmicos e profissionais.

Cenário: Caminhando pelo centro do Recife com um caderno de esboços, Daniel fotografa detalhes de fachadas e ladrilhos. Em uma praça, senta-se para desenhar, enquanto observa o fluxo das pessoas e os contrastes visuais ao redor.

A partir da análise dessas personas, reavaliei o texto do projeto para identificar quais informações adicionais seriam interessantes e comecei a imaginar a experiência dos usuários ao utilizarem o guia. Dessa forma, decidi acrescentar informações sobre os valores cobrados nas entradas dos estabelecimentos, priorizando locais acessíveis.

Considerando o uso turístico das igrejas, também excluí os horários das missas, deixando apenas os horários livres para visitação, a fim de não atrapalhar a atividade local. Além disso, optei por organizar trilhas com estabelecimentos próximos entre si, permitindo que o visitante explore o passeio em um ou dois dias.

Minha primeira inspiração foi o mapa presente no livro de *Gilberto Freyre* (figuras 1 e 2).

Figura 1. Mapa de referência conceitual
 Fonte: *Um Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*



Figura 2. Mapa de referência conceitual
 Fonte: *Um Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*

NEQUENQUEN	
1	Chão de Pedras
2	Monte da Conceição
3	Santa do Pilar
4	Monte Castelo
5	Santa do Muro do Sítio
6	Monte da Conceição
7	Monte da Conceição
8	Monte da Conceição
9	Monte da Conceição
10	Monte da Conceição
11	Monte da Conceição
12	Monte da Conceição
13	Monte da Conceição
14	Monte da Conceição
15	Monte da Conceição
16	Monte da Conceição
17	Monte da Conceição
18	Monte da Conceição
19	Monte da Conceição
20	Monte da Conceição
21	Monte da Conceição
22	Monte da Conceição
23	Monte da Conceição
24	Monte da Conceição
25	Monte da Conceição
26	Monte da Conceição
27	Monte da Conceição
28	Monte da Conceição
29	Monte da Conceição
30	Monte da Conceição
31	Monte da Conceição
32	Monte da Conceição
33	Monte da Conceição
34	Monte da Conceição
35	Monte da Conceição
36	Monte da Conceição
37	Monte da Conceição
38	Monte da Conceição
39	Monte da Conceição
40	Monte da Conceição
41	Monte da Conceição
42	Monte da Conceição
43	Monte da Conceição
44	Monte da Conceição
45	Monte da Conceição
46	Monte da Conceição
47	Monte da Conceição
48	Monte da Conceição
49	Monte da Conceição
50	Monte da Conceição

Para a construção do design da informação, utilizei como referência o panfleto distribuído pela Prefeitura do Recife durante o evento Rec'n'Play de 2024 (figuras 3 e 4).

Figura 3. Panfleto Rec'n'Play 2024
 Fonte: Digitalização própria



Figura 4. Panfleto Rec'n'Play 2024
 Fonte: Digitalização própria



A estrutura dos folders de referência foi essencial para guiar o design da informação do meu projeto. O primeiro serviu como inspiração inicial, que impulsionou a ideia do projeto, enquanto o segundo foi especialmente útil por ter sido utilizado por mim na prática durante o evento. Dessa forma, observei características importantes que facilitam a usabilidade do usuário, como a numeração dos elementos descritos em lista, a posição dos nomes das principais ruas, a inclusão de datas e horários das atividades fixas e o uso da estratégia do QR Code, que permite um design mais limpo do folder sem comprometer sua funcionalidade.

A arte presente no folder também foi uma experiência positiva, incentivando a distribuição do material. Em relação à estrutura, o formato A3 permitiu uma boa visualização das imagens e tornou-se confortável de manusear e transportar graças às dobras que reduzem seu tamanho. Além disso, a gramatura do papel garantiu certa resistência ao material, o que foi essencial para um evento de vários dias, evitando o desperdício e permitindo a reutilização do folder.

A partir dessa análise, defini os requisitos editoriais, selecionei os elementos representacionais e elaborei a proposta editorial do projeto, concluindo assim a Fase 1 da metodologia de Waechter (2019). Com essa etapa finalizada, segui os passos da Fase 2 que se alinham ao meu projeto. Desenvolvi a identidade visual, criei o arquivo digital com grid e margens, vetorizei os elementos gráficos e defini as representações visuais dos ladrilhos e do mapa, dessa forma, conclui o design editorial. Esse processo será descrito mais adiante neste documento.

3. Os Ladrilhos

3.1. Origem e Expansão

O ladrilho hidráulico surgiu na segunda metade do século XIX no sul da Europa, destacando-se como uma alternativa mais acessível ao mármore e a outros revestimentos nobres. Conforme Mota Menezes (2016), sua popularização ocorreu rapidamente devido à resistência e às qualidades decorativas, sendo amplamente utilizado em países mediterrâneos, na Inglaterra vitoriana e na Rússia. A técnica de fabricação, inicialmente apresentada na Exposição Universal de Paris (1867), consistia em um processo artesanal que dispensava o cozimento, utilizando prensagem manual de camadas de corantes, areia e cimento.

A fabricação do ladrilho hidráulico era muito simples. Daí seu maior poder de comercialização. As primeiras referências a tal tipo de ladrilho traz a data de 1857, quando um piso hidráulico foi descrito como alternativa à pedra (ao mármore, principalmente). (MOTA MENEZES, 2016, p. 17)

No Brasil, o ladrilho hidráulico chegou por meio da importação e, posteriormente, da produção local, consolidando-se como um elemento arquitetônico presente em casarões, igrejas e espaços públicos. Com sua estética, marcada por padrões geométricos e orgânicos, os ladrilhos hidráulicos foram impulsionados por movimentos artísticos como o Art Nouveau e o Modernismo (VASCONCELOS, 2014, p. 40).

3.2. Patrimônio e Identidade

No contexto recifense, os ladrilhos hidráulicos ganharam destaque em edificações religiosas e civis, especialmente nos bairros de Santo Antônio e São José, onde se concentram igrejas históricas e centros culturais. Camila Brito (2014) ressalta que esses revestimentos eram frequentemente utilizados para simular tapetes, com composições que exigiam encaixes precisos entre duas, quatro ou seis peças diferentes.

As composições que formam os desenhos dos ladrilhos hidráulicos representavam geralmente elementos orgânicos e formas geométricas. Os ladrilhos mais detalhados repetiam os motivos representados de forma que tivessem continuidade nas outras peças que se encaixavam com a instalação. (VASCONCELOS, 2014, p. 40)

Entretanto, a partir da década de 1960, com a popularização da cerâmica industrializada, muitas fábricas de ladrilho fecharam, e o material foi sendo substituído por opções mais baratas e menos artesanais (VUOLO, 2012). Apesar disso, nas últimas décadas, houve um resgate desses elementos como parte do patrimônio histórico, impulsionado por políticas de tombamento e pela valorização da memória urbana.

3.3. O Processo Artesanal

Diferentemente dos pisos cerâmicos industrializados, o ladrilho hidráulico mantém uma relação íntima com o artesanato. Esse relação pode ser

observada na série de depoimentos recolhidos por Candida Maria Vuolo (2012). Ela ainda destaca que sua produção artesanal envolve profissionais especializados, como o modelista, o tinteiro e o ladrilheiro, que atuam de forma semelhante a pintores em uma tela.

... gosto muito de uma declaração de um arquiteto: o ladrilho hidráulico é um piso vivo ...você sente, então ele gera prazer para quem o utiliza. A cerâmica é mais industrializada. O ladrilho hidráulico não, você envolve um artesão, como se envolvesse um pintor que fará uma tela, ele vai lá, no dia que ele não está bom ele produz pouco; envolve matérias primas orgânicas; não sofre queimas. Então tem o lado de ser um piso ecológico. (VUOLO, 2012, p. 11)

Essa característica artesanal confere ao ladrilho uma dimensão afetiva, transformando-o em um elemento que humaniza os espaços. Mota Menezes (2016) reforça essa ideia ao afirmar que o ladrilho possui uma "modernidade eterna", capaz de dialogar com diferentes temporalidades e estéticas.

3.4. Processo de Fabricação

Durante o desenvolvimento do meu projeto, tive a oportunidade de visitar a Ladrilhos Olinda, fábrica especializada na produção artesanal de ladrilhos hidráulicos. Recebida por Dayse, proprietária do empreendimento, pude acompanhar de perto o processo de fabricação (*Figuras 4 a 8*) e registrar

suas particularidades em um vídeo curto (<https://youtu.be/HLmRIEF4MaO>) e realizar uma entrevista (Apêndice A). A oficina, embora fundada em 2016, resulta de anos de pesquisa para replicar a resistência, textura e cores e processo de fabricação dos ladrilhos tradicionais.

Com base na observação direta, estruturei o processo em três etapas principais:

Preparação das Camadas

O processo de fabricação inicia-se com a aplicação de um desmoldante (óleo especial) sobre uma placa metálica. Em seguida, o artesão posiciona o molde (*Figura 5*), confeccionado manualmente em aço ou latão, e preenche seus compartimentos com pigmentos líquidos. A aplicação ocorre em três camadas: A primeira camada consiste em tinta de consistência pastosa, a segunda, denominada 'secante', compõe-se de cimento e pó de pedra, por fim, a terceira, chamada 'farofa', é uma argamassa umedecida.

Ladrilho hidráulico é uma placa de concreto formada em três camadas: A primeira camada, a face, é líquida e é despejada nos moldes que a gente chama de modelos. Depois vem a segunda camada polvilhada a seco, com cimento e pó de pedra. E por terceiro uma camada de concreto umedecida. Ela tem um grau de umidade menor que o concreto comum (VUOLO, 2012, p. 7).

Prensagem e Desmolde

Após a aplicação das camadas, o molde é retirado com cuidado, revelando o desenho ainda úmido. A peça é então prensada manualmente sob 15 toneladas de força. Foi destacado durante a visita que a pressão adequada é fundamental para uniformizar as camadas e desequilíbrios na composição dos agregados podem resultar em rachaduras ou problemas no desmolde. O processo é auxiliado por uma peça já curada, que serve de suporte para a nova unidade ainda em fase de fragilidade.

Cura e Secagem

O ladrilho recém-prensado passa por um período de secagem (*Figura 6*) de 24 horas antes da imersão em água (*Figura 7*) por, no mínimo, oito horas, etapa essencial para a hidratação do cimento, evidenciada pela liberação de calor e formação de bolhas na superfície da água. Posteriormente, as peças são dispostas em prateleiras para secagem final, com duração variável entre 7 e 8 dias conforme as condições climáticas.

Figura 4. Processo de fabricação
Fonte: Acervo pessoal



Figura 5. Processo de fabricação - Molde
Fonte: Acervo pessoal



Figura 6. Processo de fabricação - Secagem
Fonte: Acervo pessoal



Figura 7. Processo de fabricação - Imersão
Fonte: Acervo pessoal



Figura 8. Processo de fabricação - Cura
Fonte: Acervo pessoal





4. Processo de Pesquisa

4.1. Igrejas Históricas

A primeira pesquisa de campo focada nas igrejas históricas com ladrilhos hidráulicos ocorreu em um sábado. Utilizando a plataforma MyMaps do Google, marquei os locais de interesse e iniciei o percurso a pé partindo do estacionamento do Forte das Cinco Pontas, acompanhada por Henrique, meu namorado. Nosso destino inicial era o Pátio de São Pedro, mas, no caminho, passamos pela Basílica de Nossa Senhora da Penha, que estava fechada, e pela Igreja do Livramento, aberta, mas sem ladrilhos hidráulicos por ser mais simples.

Na Concatedral de São Pedro dos Clérigos, encontramos as portas fechadas, registrei apenas a fachada. Seguimos para o Pátio do Carmo, onde a Igreja da Ordem Terceira do Carmo também estava inacessível naquele momento, mas conseguimos visitar a Basílica de Nossa Senhora do Carmo, que se destacou pela variedade de padrões de ladrilhos. Na Praça do Diário, fotografei a Igreja do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, cujos desenhos eram mais geométricos em comparação aos da Basílica do Carmo. As tentativas de acesso à Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares e à Igreja de São José do Ribamar foram frustradas pelo fechamento, restando apenas o registro externo. Visitamos ainda a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que não possuía ladrilhos expostos.

Essa primeira visita foi interessante por me fazer observar o centro da cidade pelo olhar de descoberta, similar ao de um turista. Tive desafios com

horários inconsistentes, muitas informações online estavam desatualizadas, o que me levou a adotar uma abordagem mais direta (ligações e contatos prévios) para planejar as próximas visitas.

Na segunda etapa, já com base na pesquisa de Camila Vasconcelos e em horários confirmados, retornei ao Pátio do Carmo. Dessa vez, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo estava aberta, permitindo o registro fotográfico interno; lá, uma senhora compartilhou histórias sobre o acervo de Nossa Senhora D'Avila. Revisitei a Basílica do Carmo, explorando áreas antes não acessíveis, e finalmente consegui entrar na Concatedral de São Pedro dos Clérigos e na Igreja do Divino Espírito Santo, esta, em plena missa, exigiu paciência até que a missa acabasse e eu pudesse explorá-la com calma.



A última ida a campo desta primeira trilha foi ao Convento de Santo Antônio, onde fui recebida por um segurança que me concedeu liberdade total para fotografar, inclusive na Capela Dourada. Ao todo, realizei 250 fotografias através do meu celular em três dias distintos, adaptando-me a horários variáveis (comerciais, finais de semana e feriados). Dessas, 33 imagens foram editadas no Photoshop (*Figuras 9 a 41*) e catalogadas por igreja. Para os locais inacessíveis (como Nossa Senhora do Terço e Nossa Senhora da Conceição dos Militares), utilizei como referência o acervo de Camila Brito na vetorização dos padrões.

As imagens tratadas serviram como base para a vetorização de 21 ladrilhos, que compuseram o projeto. Os padrões vetorizados foram combinados de diversas formas, resultando no tapete gráfico que ilustra a capa do folder da trilha.

Figuras 9 a 41 - Imagens Editadas - Igrejas Históricas
Fonte: Acervo pessoal



4.2 Cultura e Pontes

Para a segunda etapa do projeto, utilizei novamente a ferramenta MyMaps, marcando potenciais pontos de interesse identificados através de conversas com a professora Solange Coutinho e pesquisas sobre períodos de construção, considerando a época áurea dos ladrilhos hidráulicos. O Google Maps foi outra ferramenta valiosa, permitindo visualizações internas dos locais através de um banco de imagens compartilhadas por usuários.

A primeira saída foi ao Teatro do Parque, onde enfrentei um imprevisto: meu celular, que eu usava para fotografar, estava na assistência técnica. Tive que improvisar e pedi emprestada uma câmera Nikon à minha sogra Andréia. Fiz a visita sozinha, guiada por um estagiário do teatro, que, apesar de não conhecer detalhes sobre os ladrilhos, compartilhou informações valiosas sobre a história do local e seu processo de restauração. Os ladrilhos estavam em ótimo estado, formando um grande "tapete" estampado na entrada, com poucas variações de padrão, mas de forte impacto visual.

Aproveitei a ida ao centro para visitar o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, onde participei de uma visita guiada, mas não encontrei ladrilhos hidráulicos no espaço.

No segundo dia de pesquisa, fui ao Bairro do Recife. A primeira parada foi na Embaixada dos Bonecos Gigantes, que, pelas fotos do Google Maps, parecia ter ladrilhos hidráulicos. No entanto, ao chegar lá, constatei que se tratava de cerâmicas que imitam o padrão, serviu como um aprendizado sobre a importância da verificação in loco.

Em seguida, tentei acessar o Paço do Frevo, mas, devido a uma forte chuva recente, o local estava fechado. O segurança não permitiu minha entrada, mas consegui registrar de longe alguns ladrilhos no corredor, anotando a necessidade de retornar em outra ocasião. Por fim, visitei a Torre Malakoff, mas não encontrei ladrilhos na área aberta à visitação.

A terceira saída foi em um sábado, dessa vez acompanhada pelo meu namorado. Começamos pelo Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), onde encontrei diversos padrões de ladrilhos na entrada, incluindo um com o brasão do museu. Observei que alguns ladrilhos apresentavam textura craquelada, mais visível no salão principal e menos perceptível em áreas de maior circulação, como escadas e portas.

No Palácio do Campo das Princesas, fui recebida por um estagiário de história que, embora não soubesse muito sobre os ladrilhos, me indicou projetos relacionados ao meu tema, como o "Olha! Recife", que promove passeios guiados pela cidade. A visita foi enriquecedora, tanto pela arquitetura do palácio quanto pelas histórias compartilhadas.

Por fim, retornei ao Paço do Frevo para fotografar melhor os ladrilhos presentes no primeiro andar. Antes de encerrar o dia, passamos pelo Centro de Artesanato de Pernambuco, onde identifiquei um "tapete" retangular de ladrilhos hidráulicos próximo à livraria Cepe—um padrão mais discreto, mas igualmente relevante para a pesquisa.

Ao todo, registrei 133 fotografias nessa etapa, inicialmente com a câmera emprestada, depois com o smartphone. Desse acervo, 13 imagens foram editadas para auxiliar na vetorização de 18 ladrilhos distintos, que deram

origem ao tapete gráfico da capa do folder e a cinco elementos representativos dos locais visitados.

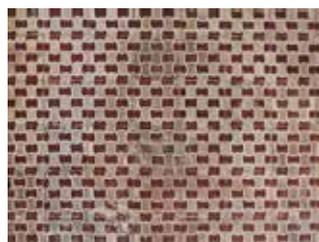
A trilha final consolidou-se em cinco estabelecimentos: o Teatro do Parque, o Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), o Palácio do Campo das Princesas, o Paço do Frevo e o Centro de Artesanato de Pernambuco.

Identifiquei ladrilhos também na Faculdade de Direito do Recife, mas optei por não incluí-la no roteiro oficial devido à simplicidade da composição (apenas dois tipos de ladrilhos monocromáticos nos corredores) e por não ser um espaço aberto à visita. Contudo, registrei as imagens para documentação (Apêndice B).

40

Essa fase reforçou a importância da persistência e da adaptação, seja diante de imprevistos técnicos, informações equivocadas ou condições climáticas. Cada visita, mesmo as que não renderam registros, contribuíram para um mapeamento mais preciso e uma compreensão mais profunda da presença dos ladrilhos hidráulicos na paisagem urbana do Recife.

Figuras 42 a 50 - Imagens Editadas - Cultura e Pontes
Fonte: Acervo pessoal





5. Construção do Guia

5.1. Proposta Editorial

Todas as pesquisas culminaram no projeto final intitulado Ladrilhos da Cidade, composto por uma série de trilhas que percorrem os ladrilhos espalhados pela cidade, desenvolvido em formatos físico e digital.

O formato físico consiste em folders planejados para distribuição em hotéis e nos próprios pontos de visitação das trilhas. Já o formato digital utiliza duas plataformas distintas: um site acessível via QR Code disponível no material impresso ou diretamente através de URL, projetado para apresentar as informações do projeto de maneira organizada e acessível; e uma conta no Instagram, criada para estabelecer maior interatividade com o público.

A primeira etapa do projeto foi guiada pelas referências de Gilberto Freyre em seu livro *Um Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. A obra não apenas oferece indicações para turistas, mas também apresenta valiosos dados históricos e culturais sobre a cidade, além da perspectiva única do autor. Foi através dessa leitura que a Praça da Independência se estabeleceu como ponto de partida para a trilha das igrejas, inspirada pela passagem do capítulo "Igrejas Pitorescas e Históricas": "O turista saia da Praça da Independência e tome a Rua Larga do Rosário, ao lado da Igreja do Rosário" (FREYRE, 2001, p. 104).

Estabelecida a Praça da Independência como início do percurso, segui pela Rua Larga do Rosário e continuei pelas igrejas selecionadas, priorizando as menores distâncias para criar uma trilha contínua (Figura 51).

A segunda trilha chamada Cultura e Pontes tem seu início no Teatro do Parque, decisão tomada com base na ordem convencional de leitura ocidental (da esquerda para a direita), posicionando o teatro como ponto mais à esquerda do roteiro. O trajeto passa pelos demais estabelecimentos e foi planejado para ser percorrido de bicicleta. Durante o desenvolvimento do mapa, o rio Capibaribe emergiu como elemento central, destacando as pontes que o atravessam. Essa percepção encontrou eco em outra citação de Gilberto Freyre: "O Recife - repita-se - é uma cidade de pontes" (FREYRE, 2001, p. 34). Dessa forma, a trilha ganhou nova dimensão, incentivando não apenas a apreciação dos ladrilhos, mas também chamando atenção para os detalhes do caminho, a beleza das pontes e as paisagens ao longo do percurso (Figura 52).

Figura 51. Percurso - Igrejas Históricas
Fonte: Print do MyMaps

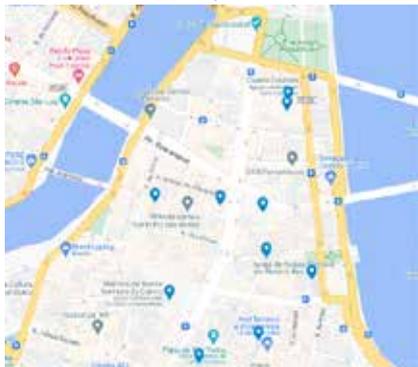
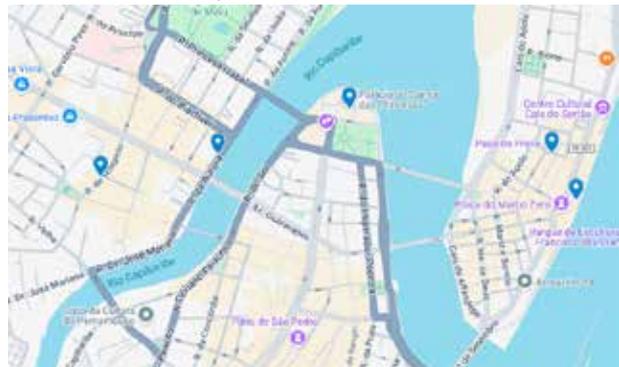


Figura 52. Percurso - Cultura e Pontes
Fonte: Print do MyMaps



5.2. Identidade Visual

Início a fase 2 da metodologia de Waechter (2019) com a criação do arquivo A3 e a escolha das tipografias que irão compor a identidade visual. A tipografia principal foi a Salo Regular (*Figura 53*), desenvolvida pelo designer Mateusz Machalski e disponível na Adobe. Sua variação de largura entre os tipos em caixa alta criam uma composição interessante e divertida para o projeto.

Figura 53. Salo Regular
Fonte: Elaboração Própria

Salo Regular
Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm Nn Mm Nn Oo Pp Qq

Para compor os números do projeto foi utilizada a tipografia BR Omny Black (*Figura 54*), desenhada por Christoph York.

Figura 54. BR Omny Black
Fonte: Elaboração Própria

BR Omny Black
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

A principal cor utilizada é o laranja (#EF6833). Na trilha 'Igrejas Históricas', ela é combinada com o azul (#7474D1), enquanto em 'Cultura e Pontes' aparece junto ao amarelo (#F09F32) e ao vermelho (#C6302C). As informações textuais secundárias foram compostas em marrom (#A05850), garantindo maior contraste com o fundo claro (#FFF8F5) e melhor legibilidade. A escolha da paleta cromática (*Figura 55*) baseou-se nas cores recorrentes em diversos ladrilhos (*Figuras 56 e 57*), complementadas pelo laranja, que atua como um elemento vibrante e jovial na composição.

Figura 55. Paleta de Cores
Fonte: Elaboração Própria

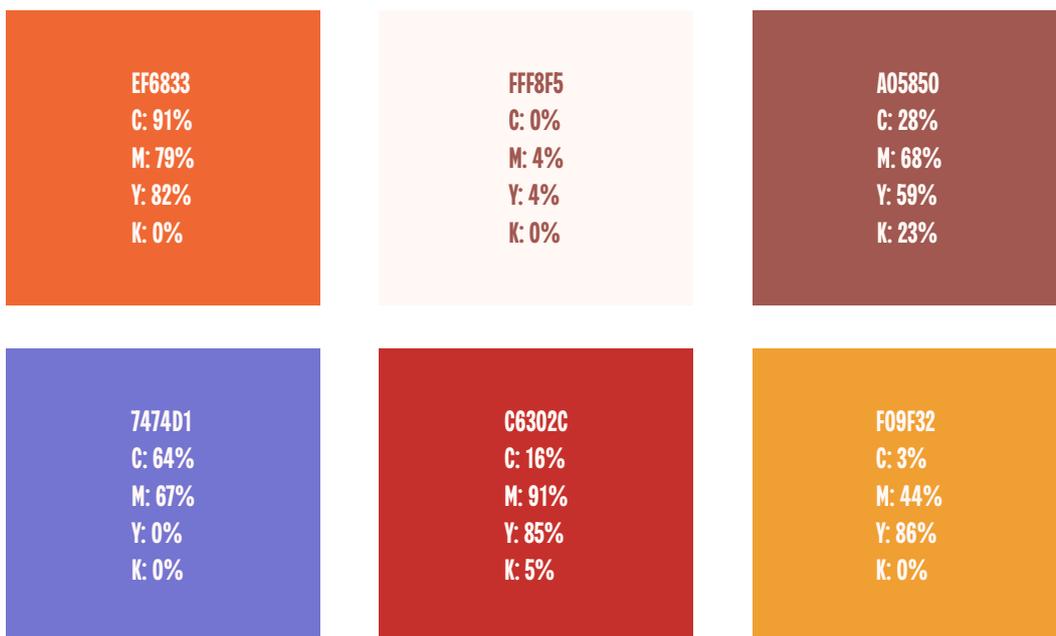


Figura 56 e 57. Inspiração de Cores
Fonte: Elaboração Própria

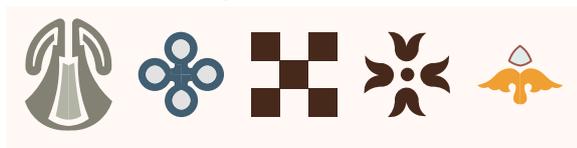


Na linguagem visual, foram definidos elementos de identificação (*Figuras 58 e 59*) para cada lugar. Esses elementos se repetem no mapa e no texto de identificação e foram baseados em um ladrilho de seu respectivo estabelecimento.

Figura 58. Elementos - Igrejas Históricas
Fonte: Elaboração Própria



Figura 59. Elementos - Cultura e Pontes
Fonte: Elaboração Própria



Na capa de cada panfleto foram elaboradas composições visuais (*Figuras 61 e 62*), inspiradas nos 'tapetes' de ladrilhos hidráulicos (*Figura 60*), com os ladrilhos presentes em cada trilha. Elas foram pensadas para atrair o usuário através do apelo visual e servir como pôster colecionável, aprimorando a experiência do usuário assim como na referência do Rec'n'Play 2024 .

Figura 60. Tapete de Ladrilho Hidráulico
Fonte: Intagram - ladrilhosolinda



Figura 61. Elementos - Igrejas Históricas
Fonte: Elaboração Própria



Figura 62. Elementos - Cultura e Pontes
Fonte: Elaboração Própria



A construção dos folders (*Figuras 66 a 69*) seguiu uma margem de 1,5 cm e foi orientada por malhas construtivas (*Figuras 63 e 64*). Os elementos textuais foram posicionados de forma estratégica para não coincidirem com as dobras central horizontal e vertical, garantindo que nenhuma informação essencial fosse comprometida em áreas de vinco.

Figura 63. Grid - Igrejas Históricas
Fonte: Elaboração Própria

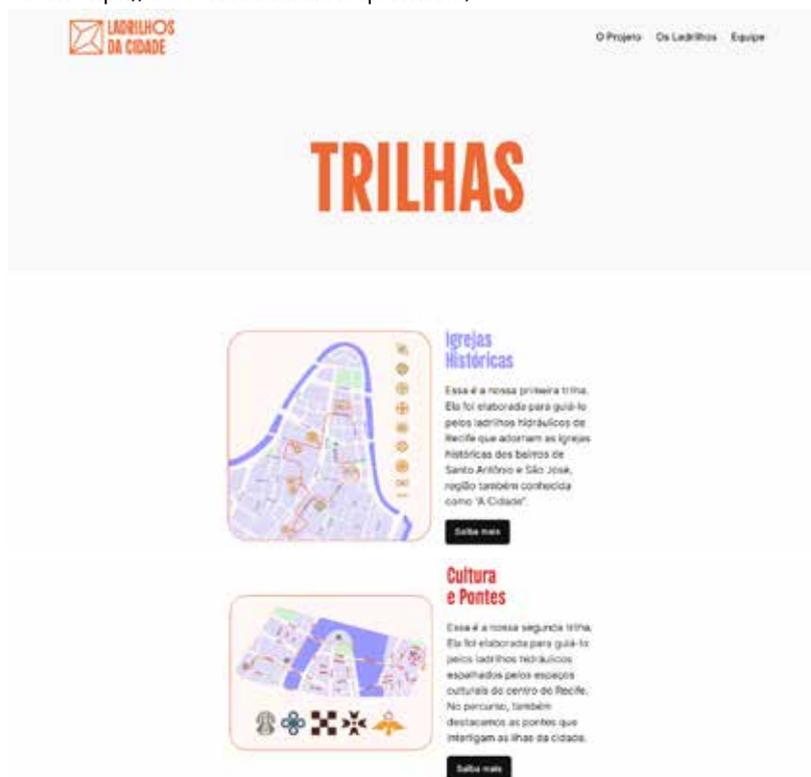


Figura 64. Grid - Cultura e Pontes
Fonte: Elaboração Própria



O QR Code presente nos folders direciona ao site (Figura 65) do projeto, desenvolvido na plataforma WordPress em sua versão gratuita. Nele, apresento uma breve contextualização sobre os ladrilhos hidráulicos e os objetivos do trabalho, além de disponibilizar informações sobre os locais pesquisados e algumas fotografias que documentei durante o processo.

Figura 65. Site - Página Inicial
Fonte: <https://ladrilhosdacidade.wordpress.com/>



Figuras 66 a 69. Folders
 Fonte: Elaboração Própria

LADRILHOS DA CIDADE

Trilha pelos ladrilhos hidráulicos das igrejas históricas de Santo Antônio e São José



“O turista saia da Praça da Independência e tome a Rua Larga do Rosário, ao lado da Igreja do Rosário”

Gilberto Freyre

- PRACA DA INDEPENDENCIA** ♦
Baixo de Santo Antônio
- IGREJA DO DIVINO ESPIRITO SANTO** ♦
Segunda, quarta, quinta e sexta, das 10h às 14h
Domingo, das 10h às 12h30
Praça Descestele, Bairro de Santo Antônio
- CONCATEDRAL DE SÃO PEDRO DOS CELESTES** ♦
Terça à sexta, das 8h às 12h30
Sábado, das 8h às 12h
Praça de São Pedro, Bairro de São José
- IGREJA DE NOSSA SENHORA DO TERÇO** ♦
Sábado das 8h às 12h
R. Vidal de Negreiros, 60, Bairro de São José
- IGREJA DA CRUZ VERDE DO CAMPO SANTA TERESA D'AVILA** ♦
De segunda à sexta, das 8h às 17h
Av. Dantas Barreto, Praça do Carmo, Bairro de Santo Antônio
- BASILICA DE NOSSA SENHORA DO CARMO** ♦
De segunda à sexta, das 8h às 18h
Sábado das 8h às 11h
Av. Dantas Barreto, Praça do Carmo, Bairro de Santo Antônio
- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DOS MILITARES** ♦
De segunda à sexta, das 8h às 15h
R. Nova, 302, Bairro de Santo Antônio
- IGREJA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE SÃO JOAQUIM** ♦
De segunda à sábado, das 7h às 18h
Domingo, das 8h às 10h
Av. Dantas Barreto, Praça do Búfalo, Bairro de Santo Antônio
- CAPELA DO VIZAM** ♦
De segunda à sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h
Altura da rua Siqueira Campos, R. do Imperador Pedro II, Bairro de Santo Antônio
- CONVENTO DE SÃO JOAQUIM** ♦
De segunda à sábado, das 14h às 18h
R. do Imperador Pedro II, 206, Bairro de Santo Antônio

Inspirada por Gilberto Freyre, nossa trilha tem início na Praça da Independência. Ela foi elaborada para guiá-lo pelos ladrilhos hidráulicos de Recife que adornam as igrejas históricas dos bairros de Santo Antônio e São José, região também conhecida como “A Cidade”. Esperamos que você se encante a cada passo. Para garantir o melhor passeio possível, temos algumas sugestões:

- Passear em grupo é mais divertido e seguro!
- Use roupas leves e protetor solar; o passeio pode ser quente.
- Mantenha atenção aos seus pertences pessoais.

ladrilhosdacidade
www.ladrilhosdacidade.wordpress.com



LADRILHOS DA CIDADE

Trilha pelos ladrilhos hidráulicos presentes nos espaços culturais do centro do Recife.



- TEATRO DO PARQUE** ♦
Segunda à sexta, das 9h às 17h
Programação de espetáculos diversa
R. do Hospício, 61, Boa Vista
teatrodoarquedoquefical
Visitação gratuita | Espetáculos pagos
- MUSEU DE ARTE MODERNA ANÍSIO MARALHÃO** ♦
Quarta, quinta e sexta, das 10h às 17h
Sábado e domingo, das 10h às 18h
R. da Aurora, 265, Boa Vista
museuamoderna
Entrada gratuita

- PALÁCIO DO CAMPO DAS PRINCESAS** ♦
Quinta e sexta, das 10h às 12h e das 14h às 17h
Sábado e domingo, das 10h às 18h
Praça da República, 61N, Santo Antônio
casamilliarje
Entrada gratuita
- PAÇO DO REVO** ♦
Terça à sexta, das 10h às 17h
Sábado e domingo, das 11h às 18h
Praça do Arsenal da Marinha, s/n, Bairro do Recife
cipacoderevo
Entrada gratuita nas terças | Conferir gratuidades
Pública geral: inteira R\$10, meia R\$5
- CENTRO DE ARTEFANHO DE FERNANDEZ** ♦
Segunda e sábado, das 8h às 18h
Domingo, das 8h às 12h
Av. Alfredo Lisboa, 61N, Bairro do Recife
centrodeartesfanho
Entrada gratuita | Compras no local

“O Recife - repita-se - é uma cidade de pontes.”

Gilberto Freyre

Esta trilha foi elaborada para guiá-lo pelos ladrilhos hidráulicos que adornam os estabelecimentos culturais do centro do Recife. No percurso, pontes interligam as ilhas da cidade; aproveite o passeio para admirá-las.

Para garantir a melhor experiência possível, temos algumas sugestões:

- Passear em grupo é mais divertido e seguro!
- Use roupas leves e protetor solar; o passeio pode ser quente.
- Mantenha atenção aos seus pertences pessoais.
- Recomendamos que essa trilha seja feita de bicicleta.

ladrilhosdacidade
www.ladrilhosdacidade.wordpress.com



LADRILHOS DA CIDADE

Igrejas Históricas



LADRILHOS DA CIDADE

Pontes e Cultura





6. Considerações Finais

Concluir o curso de Design na UFPE com este trabalho foi profundamente simbólico para mim. Mais do que uma exigência acadêmica, este projeto representou a síntese de cinco anos de aprendizado, integrando diversas ferramentas do design com uma paixão pessoal: a redescoberta do Centro do Recife através de seu patrimônio material. Os ladrilhos hidráulicos, antes invisíveis em meu cotidiano, transformaram-se em portais para entender a história e identidade da minha cidade.

Reconheço que o processo teve seus desafios. A gestão do tempo foi meu principal aprendizado - se pudesse replanejar, distribuiria as tarefas de forma mais equilibrada ao longo do semestre. As limitações técnicas da versão gratuita do WordPress também impuseram restrições ao site desenvolvido, embora ele cumpra seu papel como protótipo inicial. Essas experiências, no entanto, foram valiosas para meu crescimento profissional.

A criação das personas destacou-se como uma das etapas mais enriquecedoras. Ao humanizar os potenciais usuários, o projeto ganhou camadas de profundidade que influenciaram diretamente nas decisões de design. Essa abordagem me permitiu equilibrar rigor técnico com acessibilidade, garantindo que o trabalho dialogasse com públicos diversos.

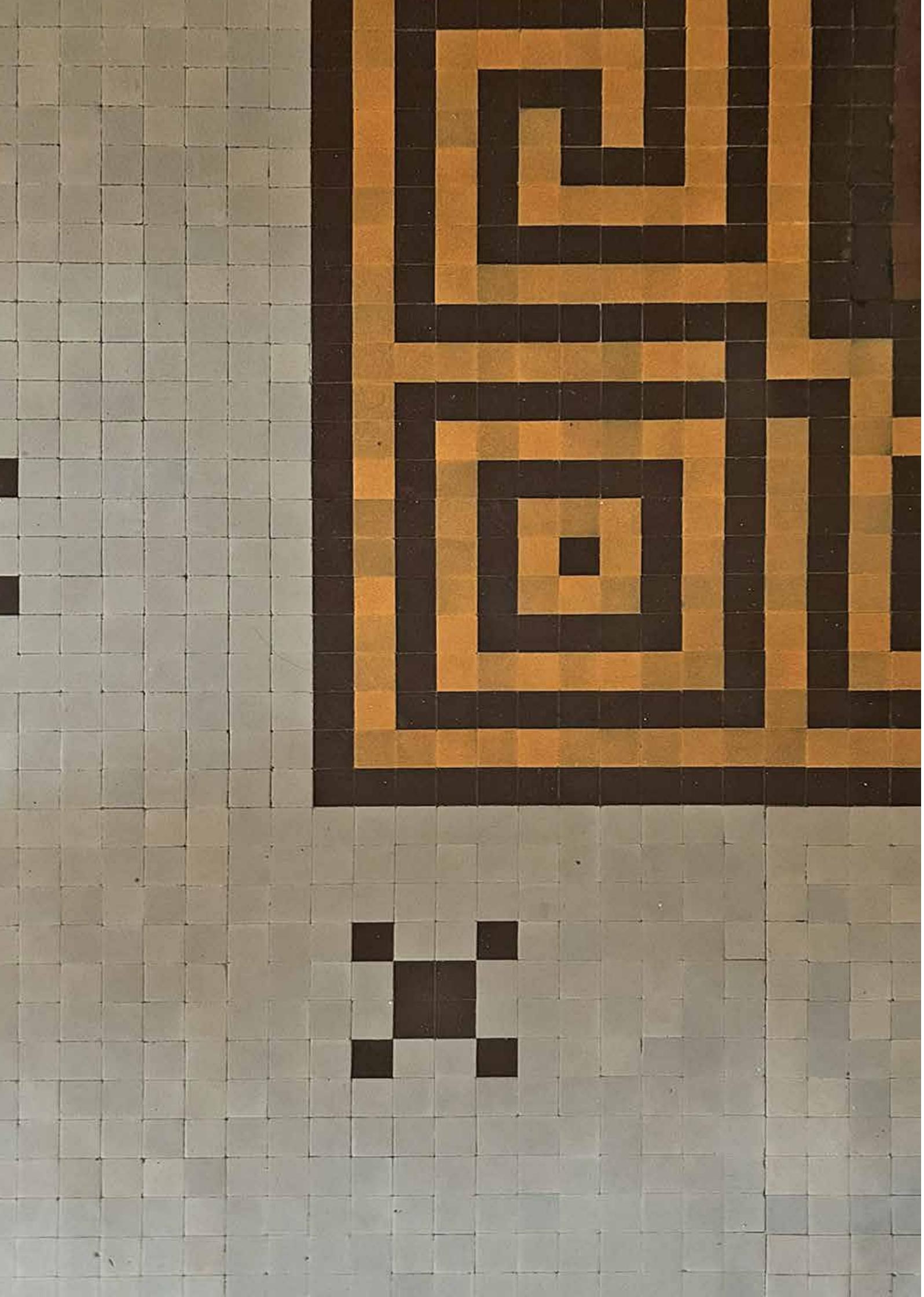
As orientações com a professora Solange Coutinho foram fundamentais nessa jornada de descobertas. O projeto, que inicialmente seguiria outra direção (um estudo sobre memória gráfica dos movimentos feministas), transformou-se organicamente nesta investigação sobre os ladrilhos - mudança que hoje vejo como acertada. As dificuldades encontradas na

primeira proposta redirecionaram meu olhar para um patrimônio igualmente rico, porém menos valorizado.

Embora tenha cumprido os objetivos estabelecidos - mapear, documentar e criar trilhas sobre os ladrilhos hidráulicos - entendo que este é apenas o início. Nos próximos meses, pretendo:

- Dar continuidade ao projeto através do Instagram @ladrilhosdacidade
- Buscar editais de cultura para ampliar sua abrangência
- Desenvolver uma versão mais robusta da plataforma digital
- Expandir o acervo para outras cidades brasileiras

Esta pesquisa reforçou minha convicção de que o design pode ser ferramenta potente de preservação patrimonial. Os ladrilhos que documentei são mais que padrões decorativos - são testemunhas silenciosas de histórias que merecem ser contadas. Terminei esta graduação com a satisfação do dever cumprido, mas também com a certeza de que há muito chão (e muitos ladrilhos) pela frente.



Referências Bibliográficas

Livros:

GASPAR, Maria Cecília França Lourenço. Ladrilho hidráulico: arte, piso e poesia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

LUPTON, Ellen. Design como storytelling. Tradução de Mariana Bandarra. Revisão técnica de Priscila Farias. São Paulo: GG Brasil, 2020.

FREYRE, Gilberto. Um guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 2007. 1ª reimpr. 2013.

RODRIGUES, Josivan; ARRAES, Ticiano (Coord.). Ladrilho hidráulico em Pernambuco. Pesquisa e textos de Camila Brito, Clarice Hoffmann e José Luiz Mota Menezes. Design gráfico de João Vitor Menezes. Realização: Arraia & Lumiar. Apoio: Orba Coworking. [s.l.]: [s.n.], 2016.

Artigos:

WAECHTER, Hans da Nóbrega. Diretrizes para Projeto Editorial Catálogo I Experimentações Didáticas Metodológicas. In: FADEL, Luciane Maria et al. (orgs.). Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação | CIDI 2019. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI), 2019. p. 947-954. ISBN 978-85-212-1728-2.

Dissertação:

VASCONCELOS, Camila Brito de. A percepção dos sistemas simbólicos e linguagens visuais dos ladrilhos hidráulicos em patrimônios religiosos tombados pelo IPHAN na cidade do Recife. 2014. 250 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

Site:

MENEZES, José Luiz da Mota. Igrejas e pátios quase virtuais. 06 mar. 2017. Disponível em: <https://modulacao.wordpress.com/2017/03/06/igrejas-e-patios-quase-virtuais-por-jose-luiz-da-mota-menezes/>.

Apêndice A

Entrevistada: Dayse Fernando Soares Teixeira

Entrevistadora: Ana Beatriz Sampaio

Data: 14 de janeiro de 2025

Local: Oficina de produção de ladrilhos hidráulicos Ladrilhos Olinda

Parte 1 - Contexto

Quais são os componentes que vocês usam para fazer o ladrilho hidráulico?

Esse é um segredo de fábrica, porque é um *blending* que a gente estudou em torno de 6 anos. A gente foi em alguns outros países para ver a técnica, porque cada ladrilharia tem sua técnica, mas existe uma técnica que, de fato, ela é original e que dá a resistência que um ladrilho precisa. A gente já foi em ladrilharia que a qualidade não corresponde ao que era feito antigamente, porque eles mudaram a questão da quantidade de cimento, da quantidade dos outros agregados, e isso faz com que a pedra ela não desmonte exatamente do prato da forma original, que precisa de um acetato, precisa de alguma força maior para poder se fazer esse desmonte. Ou não tem a resistência devido ao tempo, ou racha porque algum agregado foi a mais ou a menos, problema de cor da tinta que mancha ou que desbota. Tudo isso. Então há vários componentes que fazem o ladrilho não ter uma durabilidade que ele realmente precisa. Aí são vários estudos. Quando a gente for lá, tu vai ver que são várias camadas, a composição da pedra, e que elas precisam conversar, porque se uma camada não tiver certa com a questão de agregados, o que vai acontecer? A pedra ela não vai soltar direito, ela vai dar problemas de rachadura, ela vai quebrar, ela não vai querer... moldar.

Entendi. A textura dele fica bem uniforme, né?

Bem lisinho e geladinho, porque é um piso térmico. Aí a gente observa que em outros lugares a gente não tem esse toque. Por quê? Porque provavelmente a técnica é diferente, o agregado é diferente.

Tem quanto tempo que vocês atuam nessa área?

Tem muito tempo. Desde 2016, só que a gente começou o estudo no final de 2014 para 2015. Aí em 2016, a gente foi aperfeiçoando a técnica, né? A gente foi vendo qual o melhor desmoldante, qual que não mancha a pedra, qual o melhor pigmento para se usar para a pintura. Então a gente foi adaptando e melhorando.

É muito lindo o trabalho de vocês.

Eu gosto muito também, e eu não consigo enjoar. Eu não consigo, porque, de fato, há milhões de possibilidades. Por exemplo, essa cliente aqui, a gente chama esse ladrilho de "Ladrilhana". Ela fez tipo catavento, mas um outro cliente ele já fez como se fosse bosque. Então, assim, dá para você brincar muito, porque cada ladrilho, cada modelo dá... exatamente. Ó, esse modelo é esse que é o mesmo que tá em produção em duas cores. Então, veja aqui: tem seis... uma, duas, três, quatro, cinco... não, são cinco com... Esse ladrilho ele tem cinco cores, e ele vai dar uma paginação completamente diferente do que a gente vai ver lá atrás, que são de duas. A gente tem a essência que é o mesmo desenho, mas pelo fato de ser de outra cor, ele já passa uma sensação de ser uma outra coisa completamente diferente. Já aquele ali em cima, a gente chama de modelo "Capivara". Foi um artista plástico que desenvolveu pra casa dele. Então ele fez esse modelo, ficou lindo, porque ele pintou assim e ele pintou essa parte também de branco, e as capivaras elas não se formam 100% do ambiente, é só em alguns lugares, alguns lugares

que ela aparece, e ele fez o geométrico. Então é um desenho geométrico com algumas capivaras no meio, uma coisa super diferente, ficou bem autêntico, ficou lindo.

Você conhece muitos lugares que têm ladrilhos? Poderia indicar alguns?

Eu conheço muitos lugares que têm ladrilho. A referência da gente do ladrilho é craquelado também. Foi lá na Praça de Casa Forte, onde tem aquele café... o Café da Praça. Esse mesmo modelo. Então a gente chegou lá, o dono ele foi maravilhoso, assim, deixou a gente fotografar, tirar moldes, que a gente precisou tirar alguns moldes para ver o modelo. A maioria das igrejas de Olinda... também tem ladrilhos. Esse ladrilho aqui ele foi feito para uma restauração do Convento da Conceição, que fica na Sé, uma parte de lá, porque eles, as freiras, elas tinham feito uma modernização e tinham feito uma quebra de parede, e aí depois quiseram voltar. A gente continuou com esse piso, então ele foi feito para lá. A igreja da... tem muita igreja ali que tem ladrilho, quase todas... quase todas, né? É maioria. E casas também. Talvez outro... eu passo por uma casa de modelo diferente no Recife. Ontem, ontem eu fui fazer acupuntura, não sei se conhece, é um acupunturista chamado Gustavo São Carneiro. Aí é uma casa antiga, histórica. Não tô com meu celular aqui, eu esqueci, e ontem eu fotografei vários ambientes dele que têm ladrilho, e os ambientes que não têm ladrilho, que têm cerâmica, ele me falou que era... tá, mas com o tempo, se acabou, assim, aí ele foi e colocou cerâmica. Então tem hexagonal, que é o pequenininho, *toscato*... lá tem um modelo que eu nunca tinha visto. Então às vezes eu me deparo com modelos também que nunca vi nas casas de Olinda e do Recife, justamente por essa variedade de possibilidades, né? Isso. Então, além dos modelos clássicos antigos, existem os modelos novos, né, que os clientes eles inventam. Acredito que esse aqui, "Andorinha", foi inventado alguns anos para cá, talvez ele não seja o modelo da época, ele é mais *clean*, né, orgânico, digamos assim. Esse aqui é o... é "Andorinha", né, a gente chama de

"Andorinha". Esse aqui, o "Gaivota", ele parece com "Andorinha", mas ele é mais... e aí a gente colocou assim, mas tem cliente que coloca liso e só coloca alguns salteados, que as gaivotinhas voando, tem cliente que bota alternado, bota um para cima, outro para baixo, outro pro lado. Então é muito... motivo dá para brincar.

Eu vi no Instagram que vocês fizeram a restauração do ladrilho do Teatro do Parque. Teria alguma particularidade nesse tipo de trabalho?

O maior desafio foi acertar as cores. Fizemos um estudo para que ficasse o mais parecido com o original possível. É muito bonito, porque ele ficou de fato como era na época. Eu tenho até uma foto, que acho que foi Simone que me mandou, a arquiteta de restauro de lá, que era a reinauguração do Teatro do Parque com ladrilhos. É bem interessante, é uma foto antiga de jornal. Eu acho que lá é uma referência boa, assim, para as pessoas verem sobre o que se tinha, o que se foi resgatado e como ficou, sabe? E que todo mundo tem acesso.



Parte 2 - Processo de Fabricação

Então aqui é o processo. Aquele vermelho que eu te falei que lá dentro tem de cinco cores. Esse aí, ele vai para a igreja da Boa Viagem, aqui no Boa Viagem. É uma obra de restauração também.

É. E aí, Arthur já está praticamente na finalização do ladrilho, que é o desmante. E a gente volta na parte de pigmentar. Então, após ele passar o desmoldante no prato, ele coloca a forma que o cliente escolhe, as cores que o cliente escolhe, pigmenta cada compartimento e tira a forma. Olha, acabou de desmoldar. Aí, quando ela sai, ela sai bem molhada, porque ela acabou de fazer. Então a gente tem que esperar ela secar de um dia para o outro, para depois ela ir para a água. É aí que ela tem o processo de cura, por conta da

água. Ela é hidratada. E aqui, ô, ele depois que ele tirou esse molde, ele faz a primeira camada. A gente chama de camada secante. Então ela é a segunda camada. A primeira camada é a camada da tinta, que ela é bem pastosa. A segunda camada a gente chama de secante, que ela é mais sequinha. Ele nivela. Essa régua ela serve pra manter o padrão mesmo. Mesmo a gente não garantindo que uma pedra vai ter a mesma espessura da outra, isso garante que ela tenha pelo menos um padrão de espessura. E essa é a terceira camada, que a gente chama de farofa. É uma camada um pouco mais molhada. Tá vendo? O processo ele acabou de passar o desmoldante na placa, e aí ele colocou o desenho, e ele vai pigmentar cada cor. E agora, após isso, ele vai prensar pra virar pedra, né.

Essa prensa exerce mais ou menos 15 toneladas em cima da pedra, então nem precisa dar dois toques, porque vai muito do ladrilheiro. Por exemplo, o Arthur prefere dar dois toques, o que também não precisa, é mais pela prática deles, de costume. E aí ele sempre coloca uma pedra embaixo, justamente porque a pedra que ele vai desmontar, ela está ainda muito sensível, porque ela acabou de ser feita.

64

É bem metódico o processo, né?

É um processo. A gente acha que é até rápido, porque os meninos têm muita prática, mas para uma pessoa que está começando, demora bastante para fazer, e nem saem na perfeição que eles fazem. Você sai com bastante mancha, borrões.

E aí o processo inicia todo novamente, ele passando o desmoldante na placa, pra colocar a forma, e aí vem as tintas, e aí vai colocar o molde, e depois ele vai colocar a tinta em cada compartimento do molde, pra depois tirar esse molde. Aí você pensa até que não dá certo, porque quando tira o molde fica meio que borrado, mas é a parte de cima só. Aqui embaixo, que é a parte

aparente, fica bem certinho. Quando ele terminar, eu te mostro. Olha, se tu der uma olhada, Beatriz, tá vendo que fica meio como se fosse borradinho, mas o processo é...

É natural dele mesmo. E aqui, e amanhã, elas vão para a água. Aí essas foram as de ontem.

Elas passam quanto tempo na água?

No mínimo, oito horas. No mínimo. Para hidratar. Tanto é que se observar, olha, está hidratando. Está vendo as bolinhas? Deixa eu ver. Ainda não está quente, não. Tem uma hora que a água fica um pouquinho quentinha. Por conta do agregado no cimento.

Ele libera calor na reação?

Exatamente. E aqui, depois, eles vão para a prateleira de secagem. Eles ficam aqui. E no mínimo também oito dias. No mínimo, a cura total são vinte e oito, pra ela virar rocha.

Então são no mínimo oito horas na água e depois...?

No mínimo... No mínimo sete dias pra... A depender do clima. Porque, por exemplo, no Sul eles passam bem mais tempo, porque o Sul é mais frio. A gente tem um clima mais quente.

Essas daqui, elas já estão curadas?

Essas daqui? ****Esse aqui sobrou do tapetinho que a gente colocou na parede, que dava pra fazer um tapete maior, mas ali não cabia. E algumas foram de pedidos de clientes, que a gente sempre faz alguma mais pra por

folga mesmo.

Aí aqui é a mistura...

Aqui é o processo da balança mesmo, porque ficou misturado. Por exemplo, o que a gente faz pra minimizar, porque a gente também percebe no meio da produção que... acontece muito mudança de tons. Então, às vezes acontece de uma pedra lá ter um vermelho um pouco mais de branco e outro menos de branco. Se a gente observar isso muito, quando a gente vai nas igrejas, os tons, às vezes, eles não batem. Então, a gente faz de tudo para diminuir isso. Porque aqui a gente acha os clientes bem exigentes nessas questões. Então, a gente tenta fazer a tinta toda de uma vez só. Fazer a tinta para um lote inteiro para diminuir e para tentar manter o padrão. Tudo a gente tem fórmulas, hoje. Pode acontecer de diversificar de cor? Pode. Porque, às vezes, quando o cimento não vem do mesmo jeito que o outro, a gramatura de algum componente vem um pouco mais grossa ou mais fina de fábrica. Mas a gente tenta sempre manter. Se a gente começou com um padrão, a gente tenta manter, nem que a gente separe o cimento da tinta. O cimento da produção ser diferente do cimento da tinta. Justamente para tentar minimizar o máximo possível essas mudanças de tons.

66

Meninos trabalham com bisnaga muitas vezes, ou com pouca tinta para não acontecer dela secar e eles precisarem colocar água, porque a partir do momento que você coloca água você está diluindo o seu produto, diluindo ele tem menos resistência, então a gente de tudo isso tenta manter esse padrão para justamente ele não perder a qualidade dele e manter do começo ao fim o mesmo tom. E que não é errado não, que acontece sabe, em outros lugares, de eles fazerem de outra forma e está tudo bem, porque é manual, então pode acontecer sim pequenas diferenças de tons, só pelo fato de um dia estar produzindo, outro dia já é outro dia, já vai ser cura diferente, tudo isso pode acontecer, mas a gente de fato não vê muita diferença no da gente

não.

E tem uma diferença assim, o dia hoje, por exemplo, está bem mais úmido?

Tem, tem. Às vezes acontece que o dia está mais úmido e fica um pouco mais difícil para a gente desmoldar. Ou via mais seca, eles precisarem que a massa seja um pouco mais molhada ou algum agregado. Tem que ser ajustado.

Então é muito realmente... É muito os detalhes..

O tipo de desmoldante também influencia muito, porque a depender do desmoldante, que é aquele óleozinho que ele coloca na placa, a depender do agregado que você usa, ele pode queimar a pedra, ele pode amarelar a pedra, ele pode com o tempo deixar a pedra um pouco mais fosca ou menos lisa. Então tudo influencia para o ladrilho.

E até a gente conseguiu descobrir isso, porque já teve dias de produção que a gente não conseguia desmoldar uma pedra. E aí era o problema na ordem, na primeira camada, na segunda, na terceira, no desmoldante. Então são vários fatores que fazem isso acontecer. Ah, é só... mas a gente tem mais de cem, mas a gente não deixa aqui. Por se tratar de um galpão e aí pode entrar alguém... não tem valor comercial para ninguém, mas para a fábrica, que fabrica, para a gente é muito importante. Os moldes, a gente só deixa mesmo os moldes que os meninos estão no uso. E aí, quando vai entrar na próxima produção, a gente traz esse molde.

E como são feitos esses moldes?

Ele é feito manual. A gente acredita que esse aqui, ele veio de Portugal. Porque a gente já comprou ele pronto, assim. De uma outra ladrilharia. A gente não mandou fazer. Às vezes a gente manda fazer, por exemplo. Esse

aqui a gente mandou fazer, aquele também. Mas esse não, a gente já comprou de outra ladrilharia. Centenária.

E qual é o material desses moldes?

Eles são de aço, alguns são de latão. Vai depender. Hoje eles fazem de 3D, mas a gente nunca usou, a gente não teve até então o momento vontade, porque a gente gosta de fato de manter a tradição. Pode acontecer de a gente fazer um dia? Pode até como um teste, mas a gente sabe que não é a mesma resistência, que talvez não seja a mesma qualidade e a durabilidade também não é a mesma. Aqui a gente sabe que a durabilidade, se cuidar direitinho, eu acho que é para sempre, não desgasta.

Vocês seguem apenas um tamanho padrão dos ladrilhos?

A gente segue mais o de 20 por 20. Mas existem vários tamanhos. Existem o 30 por 30, o 10 por 10, o 5 por 5, o 15 por 20, que é o que a gente chama de rodapé. Deixa eu ver se ele está por aqui. Você sabe onde está aquela pezinha do rodapé? Por ali, né? Você encontra.

-Aquela pecinha do rodapé?

Não, está por ali. Está por aqui?

É. Nossa, está por aqui mesmo. Olha, olha o trato dela. Obrigada, Ana. Essa foi uma pedra-teste. Porque ela é o... E o prato dela é assim.

Pior que até ter essa bagunça para virar poesia, pelo fato de ser uma oficina mesmo, é uma coisa bem manual. Aí tem vários tamanhos, tem os que fora do Brasil, que é como se fosse um negócio assim, diferente.

É, tem outros formatos, né? Vocês já fizeram algum formato diferente?

Então, a gente fez esse, que é o 15 por 20, a gente já fez o hexagonal, só que a nossa forma foi para a restauração, ela não está aqui. A vinte por vinte e eu tenho lá dentro uma 30 por 30, mas não é nossa, é de uma ladrilharia de fora, que é amigo, que ele mandou para a gente, para a gente ver. Ela é grandona assim, sabe? Ele está com 30. Se a gente for só ver, faz, porque é uma mão que não é daqui. A gente tem esse contato para troca de informação.

Uma ação, um ajuda o outro, porque tudo está sendo muito perdido. O que eu fabricava não fabrica mais.

No transporte tem alguma especificidade?

Não, é empilhadinho, pode ser empilhado, sem problema nenhum. Porque ele é bem resistente. A gente diz que é frágil pelo fato de ser pedras manuais, enfim, até para uma pedra não ficar batendo na outra, dentro do transporte, mas ela é bem resistente. A gente já entregou para vários lugares e chegou 100%, e trocando de transportadores. A dificuldade grande é porque ele é muito pesado e ele é muito grosso, então isso faz com que o frete para muito longe seja custoso por conta do peso. Ele é bem grossinho, chega até 12 centímetros. É isso aí.



Aí vocês já sentiram em algum momento a necessidade de adquirir mais prensas?

Sim, a gente pensa sim, mas uma prensa dá pra trabalhar até quatro, a gente não coloca porque é desconfortável, mas dá pra trabalhar várias pessoas, e a gente pensa assim. É difícil encontrar a prensa, porque existem as hidráulicas, as elétricas, mas a gente já percebeu que não é a mesma coisa, essa de fato exerce uma quantidade de força em cima, que é bem

compensadora. Manual centenária é lindíssima essa prensa é e aí para a gente tirar ela virar para colocar aqui, meu amigo. Teve ter guincho, vários dias de pensão como é que ia tirar, teve que rasgar grades lá pra conseguir passar com ela ela é muito pesada.

Quais são os resíduos da produção?

É porque eles acabaram de usar, então até as pedras que se quebram, eles conseguem quebrar e refazer. A água a gente reutiliza, então se ela saiu dali, a gente coloca em caixa de isopor porque ela ficou um pouquinho suja, a gente não gosta de usar ela de novo, mas eles colocam na massa. Então até a água que a gente usa para molhar o ladrilho hidratado no outro dia, ele vai para a massa. Então é zero lixo. Para dizer que não tem lixo, tem os cimentos que a gente também usa para colocar o lixo aqui, ele tá até ali. Eles juntam um pouquinho, colocam o lixo e jogam fora. Então acho que o lixo que tem são os papéis dos agregados, é pouquíssima perda. Acho que as pedras que não ficam 100%, mas que tem muita gente que acha incrível. Tem um processo natural e manual que não sabe que existem pequenas falhas. Não tem perda, não. Nem gera nada. É um processo realmente.

Muito fechadinho, muito completinho.

Está vendo que está molhado porque eles pegaram. Foi uma pedra que não saiu boa, eles quebraram e reutilizaram na massa. Por exemplo, acho que tem um tesco que sobra, porque a gente tinha que fazer um pouco a mais. A gente pega e bota alguém para treinar. Ele é ajudante, mas ele também sabe fazer. Não é como os meninos que tem 100%, mas ele vai e pega às vezes. Faz uma pedra ou outra, que são as mais facezinhas, com as que sobra. A gente vai acumulando e depois tem alguém que escolhe e compra. Acaba que não tem perda, não.

Apêndice B



*As tipografias utilizadas no Memorial
foram a Redonda. desenvolvida por Carlos
Mignot, Omny Black por Christoph York e
Salo Regular por Mateusz Machalski*

